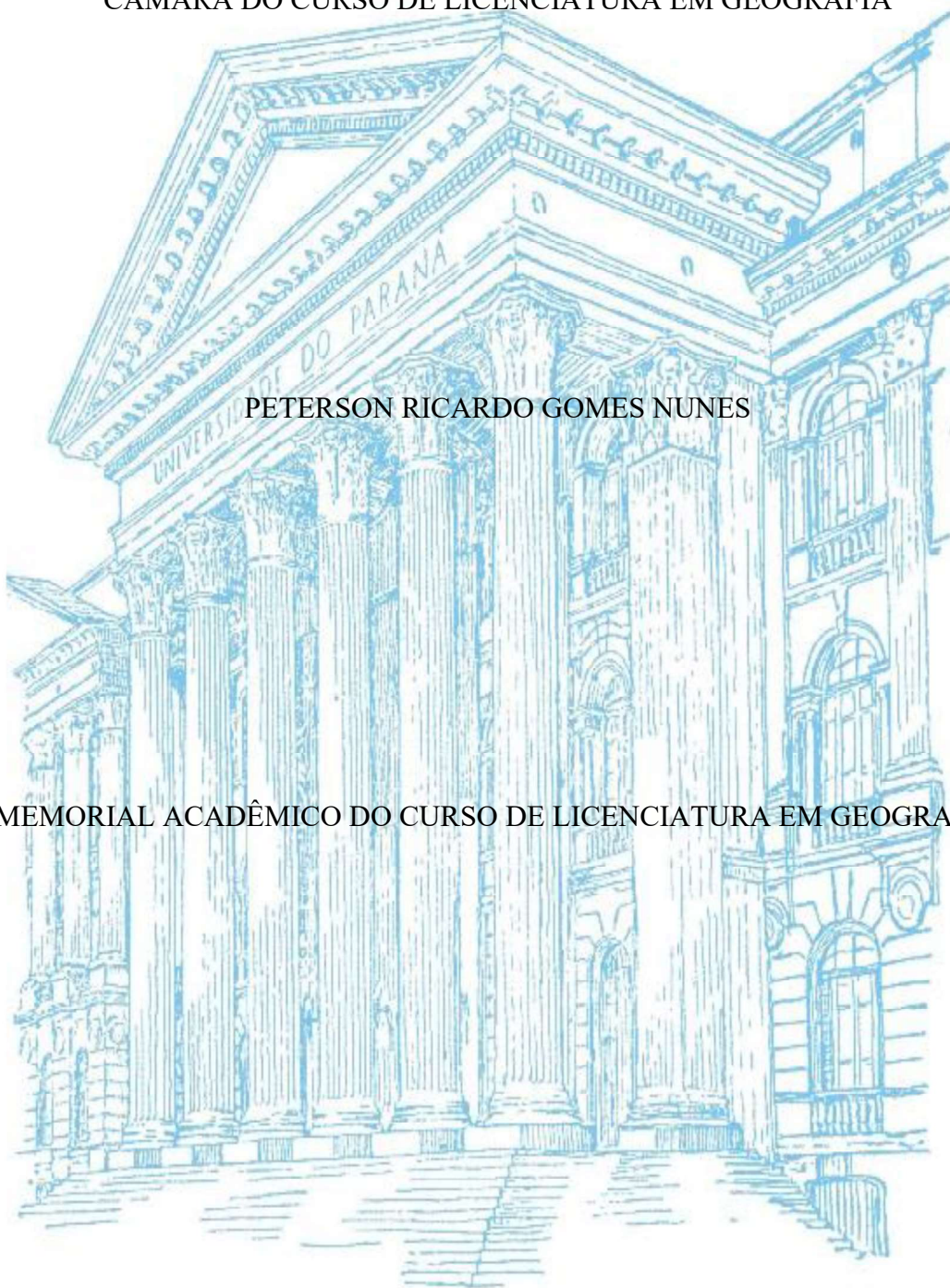


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
CAMARA DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

PETERSON RICARDO GOMES NUNES

MEMORIAL ACADÊMICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



MATINHOS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
CÂMARA DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

PETERSON RICARDO GOMES NUNES

MEMORIAL ACADÊMICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Memorial descritivo e analítico da trajetória e experiências no curso de licenciatura em Geografia realizados nos 8 semestres como requisito parcial para conclusão do curso.

Mediadora: Profa. Dra. Ângela Massumi Katuta

MATINHOS

2023

SUMÁRIO

- 1. APRESENTAÇÃO**
- 2. INTRODUÇÃO**
- 3. AGRADECIMENTOS**
- 4. PRIMEIRA CARTA: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO**
- 5. SEGUNDA CARTA: RE-EXISTÊNCIAS E RESILIÊNCIAS**
- 6. TERCEIRA CARTA: ANÁLISES, VISÃO, OLHARES, OBSERVAÇÕES,
APENAS: VIDA**
- 7. QUARTA CARTA: A NOITE QUE JAMAIS ESQUECEREI: SONS DE
UMA ORQUESTRA**
- 8. QUINTA CARTA: DA INTIMIDADE, LGBTQIAPN+ E
EXPERIÊNCIAS**
- 9. SEXTA CARTA: A PANDEMIA E O PROCESSO DO ISOLAMENTO
SOCIAL**
- 10. SÉTIMA CARTA: A CRIAÇÃO DO EDUCADOR GEOGRÁFICO**
- 11. OITAVA CARTA: O MEDO COMO PROPOSTA DE MUDANÇA**
- 12. NONA CARTA: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A GEOGRAFIA NO
PROCESSO DA CONSTRUÇÃO EU-EDUCADOR**
- 13. DÉCIMA CARTA: OS TERRITÓRIOS DO CORAÇÃO, AS
AVALIAÇÕES PESSOAIS, AS DORES E ANSEIOS ENCONTRADOS
NO EU.**
- 14. DÉCIMA PRIMEIRA CARTA: A GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO
INFANTIL: UM OLHAR SOBRE OS DOIS MUNDOS**
- 15. DÉCIMA SEGUNDA CARTA: UM FUTURO PRÓXIMO, DISTANTE,**

OU LOGO ALI?

16. ÚLTIMA CARTA: A GEOGRAFIA COMO TRANSFORMAÇÃO

17. CONCLUSÃO

18. REFERÊNCIAS

1. APRESENTAÇÃO

Palavras podem definir, mas gostaria de que ao ler, consigam ouvir minha voz ecoando sobre seus ouvidos. Me chamo Peterson Ricardo Gomes Nunes, tenho 23 anos, sou educador infantil desde os meus 15 anos de idade.

Busco viver em um jardim, cheiro bom, necessita de manejos e me encontro nele desde os 15 anos de idade por escolha própria. Tenho a certeza, confesso, apenas para ter uma semente, que brotasse e que eu pudesse utilizar quando necessário. Esse jardim, é um direito estabelecido a todos e todas. Hoje, com 23 anos, entendo que não faço parte dele, eu sou ele, eu sou o jardim e minhas queridas flores, as quais preciso contribuir para que floresçam.

Quando menor, lembro-me de brincar com ursos de pelúcia, estes que estavam sempre em meu quarto. Minha casa era de madeira de “doação” do Estado do Paraná, nos anos de 1970. Meu pai, era funcionário público, a casa era simples, mas aconchegante.

Naquele quarto, com meus ursos de pelúcia, imaginava-os como pequenas flores, tentava explicar a elas quais os deveres e direitos. Esses direitos e deveres, criados e reproduzidos por mim, vieram da minha família, logo, reproduzia o que vivenciava em uma das árvores de tantas nesse jardim. Se as flores que, nesse caso, eram meus ursos de pelúcia, não completassem suas tarefas, não iriam se divertir com as abelhas naquela árvore, em meio a todo esse jardim.

Nasci no ano de 2000, sou filho adotivo, por conta das ocasionalidades da vida. Minha mãe biológica, vivia em condições de miséria, preferiu que o filho tivesse uma vida digna, pelo menos com o mínimo para sobreviver. Minha mãe, menina nova com 15 anos, não conseguia oferecer condições adequadas de vida. Hoje entendo-a. Faria o mesmo. Cresci em um berço amistoso, familiar, tradicional, gostava de livros, me identificava com filmes, sempre fui uma criança com aspectos artísticos muito grandes, tinha amor pela música, pela arte, pelo desenho.

Hoje, trabalhando em uma árvore, nesse jardim, entendo o motivo pelo qual sempre apreciei essas vivências e porque fazem parte das minhas características de personalidade. Encontro-me atualmente procurando formas de continuar buscando o conhecimento. Nessa metáfora, a semente é a minha formação como educador, o jardim pelo qual me defino é a educação, essa que deve ser democrática na sua concepção de

gestão, essa que deve ser humana na sua concepção filosófica, e essa que deve ser amor em sua concepção psicológica. As flores são as crianças, alunos, adolescentes, jovens e adultos, esses que possuem o direito à educação. E as árvores são as escolas, com suas raízes que sempre irão coexistir nesse mundo. Esse local “escola” que, devidamente democrático nos parâmetros constitucionais, isso caso sejam respeitados, torna-se adequado para fortalecer a transformação na sociedade.

A busca hoje é outra, quero continuar nesse processo, almejo planos para o futuro, mas, sempre lembrando-me dos aprendizados do passado. Eis o mistério do nosso cognitivo, aprendemos com nossos erros, desde a infância até a fase velhice

2. INTRODUÇÃO

Existem fatos, acontecimentos que podem transformar nossas vidas e que constroem valores e novas reflexões sobre elas. A busca incansável por conhecer-me ou compreender quem sou, por identificar quais eram as minhas inquietações ao longo do curso de licenciatura em geografia. O momento de apresentar um pouco dessa trajetória por meio de uma sistematização chegou.

Escrevendo essa introdução percebi meus lapsos de memória, os momentos de extrema intensidade, ansiedade, empolgação, desmotivação, de vitórias, viagens e pesquisas. Busquei grandes frutos para a minha própria cognição.

Na geografia tudo se transforma e nada é estático, ousou dizer: Minha vida transformou-se depois da geografia. A percepção sobre esses fatos está ligada a aprendizagem e reflexões que venho realizando há cinco anos, quando incansavelmente buscava de alguma forma refletir e pensar sobre o que é ser alguém no mundo.

A grande questão que compreendi sendo geógrafo educador: Todos nós somos alguém, contudo, há um senso comum sobre ser alguém individualmente bem-sucedido, que é terrivelmente cruel, individualista e está vinculado à sociabilidade capitalista. Em cada vida há uma construção de história, trajetórias geográficas, vivências e anseios.

Há cinco anos, estava perdidamente preocupado com o futuro, levando-me a questionar ocasional e rotineiramente: Estou no caminho correto? Mas quem define esse caminho? Enfim os anseios da juventude. O resultado saiu, encontrei o caminho.

Adentrei na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, diretamente no curso de Licenciatura em Geografia. Os primeiros dias foram intensos, o contato com os eixos de formação e seus paradigmas complexos, me levaram ao questionamento quanto às minhas preocupações exageradas e extremas naquela época, enfim, apenas era eu.

Há fatos, momentos em que pensamos que devemos apenas deixar a vida fluir, fluir-me como folhas em um fim de tarde de outono. Mas esse não sou eu! Lembram-se sobre o que registrei sobre conhecer-me? Pois descobri um fato: sou intenso.

Na época, no ano de 2019, era particularmente, ainda sendo modesto, intenso. Compreendia-me não como folhas ao vento, mas como uma panela borbulhando para preparação de um ensopado. Poderia ter aquietado o coração, deixando fluir os sentimentos que atingiam minha cabeça.

A história e trajetória geográfica de vida é importante, as experiências do passado nos constroem e fortalecem: criamos montanhas, abrimos grandes vales, mas, o futuro precisa ser pensado, as pequenas situações podem esperar, os grandes ensinamentos nos geram sabedoria.

Os momentos, somados de sabedoria e vivências, podem vir à tona quando necessário, e estarei pronto para isso. O Peterson do passado deixava sabedorias e momentos passarem despercebidos, com seu turbilhão de sentimentos. O Peterson hoje, é como uma brisa repentina, devidamente esperando o momento correto de utilizar aquilo que lhe foi apresentado, aguardando o momento correto de expressar-me, mas, respeitando o tempo da natureza. Este memorial foi inspirado na obra de Paulo Freire (1997), intitulada Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar.

Escolhi este livro, porque acredito que expressando-me por meio de cartas talvez consiga atingir diretamente o coração de cada leitor deste memorial. Assim, a partir de cartas a mim mesmo, deixarei cada pequeno ou grande copo d'água.

A água flui pelo nosso corpo, de maneira essencial, como o conhecimento, colocado, transformado e utilizado devidamente no momento necessário. Momentos copo cheio: posso derrubar pelo caminho, mas busco-o novamente, pois a nossa concepção está em constante transformação. Completar e saciar minha sede pelo conhecimento. Por isso, estruturei o documento em 13 cartas e mais a conclusão. Cada uma delas registrando distintos momentos da formação.

A leitura desse memorial, em seu intuito, deve fazer reverberar sentimentos em cada um, principalmente àquelas pessoas que me foram queridas. Não poderia terminar essa introdução, sem agradecimento a alguns amigos e companheiros dessa caminhada que chamamos de vida.

3. AGRADECIMENTOS

A sabedoria da natureza transborda nos sentimentos daqueles que a respeitam: Pessoas importantes, sentimentos de gratidão, vozes que eclodem como grandes fagulhas de energia universal - Peterson Ricardo Gomes Nunes

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, por acreditar que era possível esse momento. Minha mãe, pessoa de grande coração, busca sempre o melhor para a família, a defino como uma muralha que enfrenta barreiras, e defende o que é mais precioso para ela: o amor familiar.

Agradeço meu pai, pessoa de coração imenso, com toda sua particularidade, reservada, mas de grande carinho e afeto, buscando conhecer esse momento no qual ele sabia que era importante para minha vida. Gratidão a ambos pela adoção, por construírem e consolidarem em mim o amor de coração, esse que é puro e verdadeiro. Agradeço a irmãos e outros familiares por acreditarem em todo esse processo.

Em segundo lugar, agradeço aos educadores(as) do curso de licenciatura em Geografia da UFPR (Universidade Federal do Paraná) litoral, acredito que cada momento na presença e na companhia de vocês consolidou o que sou hoje. Os momentos de grandes debates me transformaram, contribuíram na minha construção como ser.

Educadores: Neusa e Zan, deixo aqui meus sinceros agradecimentos, por todo o amparo e amor, vocês são apaixonados pela educação pública, observando vossas atitudes, dizeres e saberes, logo conseguimos definir isto.

Educadores: Paulo e Ione, agradeço pelo carinho, afeto e amor pelo curso de Geografia. O quão importante foram as suas contribuições, a sabedoria nas suas falas cativa todos nós, buscando organizar e construir os processos de maneira afetuosa.

Educadores: Mengarelli e Ehrick, os grandes educadores são aqueles que buscam o conhecimento com seus educandos, trazem consigo reflexões sobre esses processos. Vocês dois são grandes educadores, acredito que a busca coletiva pelo conhecimento é uma ferramenta que ambos possuem facilidade em contribuir na vida dos educandos(as).

Educadores: Carolina e Felipe, aqui em lágrimas deixo todo meu apreço, amor, carinho e sei que suas contribuições ao curso de geografia foram essenciais, busco diariamente compreender o papel dos educadores que vêm e vão e apenas compreendo que a natureza está em constante transformação, esta que vocês fizeram no curso e ao deixá-lo.

Agradeço também aos meus colegas e amigos na Universidade, gratidão pelo carinho, momentos de prosa e risadas durante os caminhos longos dentro do ônibus em horário próximo da meia noite. Os passageiros desse ônibus construíram em mim grandes formas de interpretar o mundo, e com muitas conversas nesse espaço informal.

Agradeço as meninas, Patrícia, Ivana, Maraísa, Michele e Tatiana pelo carinho e por toda as vivências que tivemos nesses anos na geografia, estarão sempre em um armário trancado dentro do meu coração.

Giovanna, um grande amor que encontrei na Universidade, obrigado pelos momentos de conversa, frustração, risadas, momentos esses que sempre conversamos e dialogamos sobre os problemas pessoais, no curso, sobre a vida. Levarei você para sempre em meu coração, como aquela que me dava água quando eu precisava, quando eu achava que não iria conseguir, mesmo sem essa conversa, indiretamente você tornava tudo mais simples. Obrigado de coração por essa amizade.

Esse recado deixarei para a docente que encontrou meu coração em um momento necessário, obrigado educadora Leticia Ayumi Duarte. Momentos com você que me buscaram novamente a geografia no meu interior, me conectando e criando novas formas de interpretá-la, indo ao encontro de toda a perspectiva social e territorial que habita nesse conhecimento. Gratidão pelos momentos em que compreendeu cada palavra que saía da minha boca, desde lamentos a aspectos positivos.

4. PRIMEIRA CARTA: DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

A transformação do ser, da individualidade ao coletivo, uma pessoa que contribuiu para a concretização disto - Peterson Ricardo Gomes Nunes

Nas noites a caminho da Universidade Federal do Paraná, sempre tive inquietações sobre minha compreensão do espaço universitário como um todo. No primeiro ano do curso, tive muitas dificuldades para compreender quais eram as finalidades daquele território.

Questionamentos como: “Para que estou aqui?” e “De que maneira isso poderá transformar a “minha vida” soavam como grandes tempestades tropicais em uma ilha, nesse caso, acredito que aquele momento intenso para mim soava particularmente complexo, e atingiam diretamente a minha cognição.

Lembro-me de uma segunda-feira, quando cheguei na sala de aula, uma figura um pouco intimidadora. Roupas com aspectos geográficos, cores vibrantes, vermelho, marrom, um cabelo branco chanel. Sentei-me sobre a cadeira, observando todas aquelas pessoas, primeiro dia de aula, módulo: Representações, leituras e análises geográficas. Ouvindo aquela voz, defino que soou como algo revolucionário, sai de lá procurando meios de romper com o capitalismo e o patriarcado, com as desigualdades. Nesta noite, também havia ficado confuso, nunca havia pensado daquela maneira, que voz transformadora era aquela.

Ao longo do ano, passei a perceber aquela pessoa como alguém que queria ver a mudança, a transformação, queria que algo rompesse com os paradigmas do dia-dia de todas aquelas pessoas naquele território.

Quando ela falava, algo palpitava em meu coração, não sei explicar, não era paixão de romance, nem mesmo dores devido a algo relacionado a comorbidades, e sim um sentimento de: Um dia, eu quero ser assim.

Buscando e analisando, encontrei o sentimento: Admiração. Paulo Freire, o patrono da educação brasileira mencionava que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989).

A escrita para ela sempre transpareceu como algo de extrema necessidade, ainda mais quando relacionada ao que você vive. No início não a compreendia, as exigências, soavam como um tom extremo, alguns definem hoje sua pedagogia como “pedagogia do aço”.

Na época, logo eu, sempre me defini como um ser capaz de compreender até as mais particulares emoções, atitudes e práticas do humano, com apenas 19 anos de idade. Frustrava-me com atitudes que via em suas práticas, não a compreendia. Agora, bem, a compreendo, não era aço, não eram cobranças.

A maturidade chegou, não muito sutil, estou perplexo, hoje, com 23 anos de idade, compreendo o verdadeiro motivo pelo qual ela realizava aquelas práticas e vos digo: Para construir uma nova geração, com justiça social e de grandes pensadores.

A demonstração de afeto é necessária para o desenvolvimento do ser humano. WALLON (2008, p. 73) afirma: a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo.

Romance, sim, romantizar? Não. As maneiras de demonstrar afetos são amplas, complexas, cada indivíduo possui uma forma. No caso da mulher de chanel e cabelos brancos, a demonstração do afeto está para além de meras palavras jogadas ao vento, afinal, brisas repentinas podem levá-las. Na realidade, ela utilizava palavras também, muitas inclusive, mas as reflexões acerca dessas e dos momentos que elas deveriam ser utilizadas e encaixadas me deixavam em grande “análise”.

Ela analisa o momento correto de utilizar a palavra, e não apenas esta, mas também as atitudes acerca da mesma. Se toda a sociedade brasileira tivesse esse dom. Dom? Se for dom não há o que fazer, uns nascem com e outros sem, dependendo da “graça” divina.

Neste caso, seria uma característica ou habilidade humana que pode e deve ser trabalhada na escola? Leitura e escrita como leitura e escrita do mundo e da palavra. É um exercício de idas e vindas, enfim, algumas situações seriam diferentes.

Ela também percebia quando não estávamos bem ou quando precisávamos de amparo, quando sentíamos um peso a ser carregado, este gerado pela sociedade capitalista, patriarcal, desigual e preconceituosa. A mulher geográfica analisava e esperava o momento de mais coerência para intervir, ora... atitude de geógrafa.

Uma folha em branco me definia naquela época, não por não possuir vivências, mas por ser alienado em meio a todo o espaço e mundo. Quando entrei nessa universidade, fui-me preenchendo de fatos, acontecimentos, informações, conceitos ou defino apenas como vivências. Nessa mesma folha em branco há um local, bem grande onde guardo toda a compreensão do espaço geográfico que partem de seus lábios.

Gratidão à sua dedicação, sei que ama a geografia, além disso, ela acredita nos seus educandos. Os dias contigo foram de grandes aprendizados. Obrigado por ensinar-me sobre o verdadeiro coletivo, sobre o verdadeiro senso de justiça, amor. Nem todas as práticas de afeto são meramente palavras, mas sim atitudes. Levarei para sempre as conversas, prosas, momentos de dificuldades onde apoiamos um ao outro no curso, junto com educadores, e lutamos para o bem de todos e todas, contra o ódio e a discriminação. Apenas gratidão Profa. Dra. Ângela Massumi Katuta.

2. SEGUNDA CARTA: RE-EXISTÊNCIAS E RESILIÊNCIAS

A busca por aqueles indefinidos, devem ser lembrados, em toda sua concepção de análises de seus espaços e territórios geográficos: vertentes de uma sala de aula e resistências de oprimidos – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Andando pelos corredores da Universidade Federal do Paraná, exatamente no ano de 2019, acreditava que a busca por uma sociedade justa partia do princípio em que a educação chegasse para todos e todas. Característica esta, que é apenas um aspecto das demais condições necessárias para a vertente social e de justiça nos meios de produção e no próprio sistema capitalista.

No ano de 2019 pensava que a sociedade poderia ser transformada através do amor, da religiosidade, de Deus ou mesmo do ser supremo que nos vigia e nos conduz. O pensamento acerca disso rompia com o que acredito hoje.

Somos seres livres e de autonomia, não somos conduzidos, temos livre arbítrio de decidir nossas propostas para a vida. Hoje, em minha vivência neste curso, é impossível não levar em consideração a desigualdade social e os preconceitos que dificultam essa organização de vida, de vivência social. A neurociência diz sobre a importância da fé no cognitivo humano, mas, para a transformação social, isso não basta. O grande equívoco nessa época era a falta de conhecimento sobre as raízes entrelaçadas e as grandes poças de sangue encontradas em todo o território brasileiro.

Observava as questões territoriais como algo devidamente estabelecido por vertentes capitalistas. Hoje, percebo que a terra é, além do grande abismo espalhafatoso e capitalista de valor comercial, acolhedora e fortalecedora as vidas e mortes em todo pertencimento, em toda sua qualidade de demonstração de afeto, amor, local onde se busca a vida pela vida, pela qualidade de todos e todas que ali vivem, seres vivos, encantados, das águas, dos campos e das florestas.

A chave virou a partir do conceito de Sumak Kawsay, em kichwa e refere-se a uma perspectiva filosófica que ajuda a imaginar e possibilita praticar outras formas de interpretar o mundo, no português, Bem viver.

Romper com as barreiras do capital, nesta sociedade desigual é um desafio. Compreender criticamente a criação de desigualdades é um papel da geografia e, para além disso, social.

Em todo o limbo que encontrei na vida, sempre compreendi que para ser algo, ou alguém, seria necessário gerar um desenvolvimento acerca do meu intelecto, vida, produzindo e gerando riquezas. Isso é o que sempre foi me ensinado no berço familiar. Tais práticas estavam ligadas a um sistema hegemônico que produz mal-estar social, miséria e mortes e vem corrompendo a vida das pessoas. A partir da ideia de Sumak Kawsay percebi outra perspectiva, esta dos povos andinos, sobre o desenvolvimento:

O Bem Viver revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento. Critica a própria ideia de desenvolvimento, transformada em uma entelêquia que rege a vida de grande parte da Humanidade que, perversamente, jamais conseguirá alcançá-lo. (ACOSTA; TADEU; BREDA, 2016, p?.)

A proposta do desenvolvimento na compreensão capitalista foi esclarecida em vivência no curso de licenciatura em geografia. Hoje compreendo-a. Na época me compadecia das impressões, mas não compreendia a perspectiva de excluído. Sempre referindo-me como distante dessa situação, mal eu sabia que faço parte da classe dos excluídos.

Ser excluído nessa sociedade é doloroso, árduo, não deve ser romantizado em hipótese alguma, mas, podemos gerar grandes possibilidades de lutas, mobilizações, lutando por direitos que se definem democraticamente a partir desta vertente. Não digo que isso deveria ser necessário, mas nesta sociedade, é essencial. Espero que um dia todos e todas possam se sentir confortáveis, amparados, assim como dita nossa Constituição, prezando a justiça social.

Em 2019, sofria em silêncio nos corredores da universidade. Queria compreender-me, mas sentia um espeto em meu âmago, tinha medo de ser o que sou. De certa forma, compreendia que em toda minha constituição como ser eu era visto como alguém defeituoso que não deveria existir. Acreditava que algo estava errado nessa compreensão. No fundo, mas bem lá, eu me compreendia como ser, como alguém digno de existir, afinal, quem define isso? É um erro admitir julgamentos cheios de preconceitos externos sobre você.

Não há dúvidas que a geografia contribuiu e me ajudou a lidar com minha orientação sexual, sobre as interpretações que adentram nas nossas profundezas cognitivas, não gostaria de abrir a nenhuma figura intelectual familiar, que utilizasse para a formação de preconceitos e desigualdades. Essas figuras familiares e além destas, geram ou são produtores desta proposta de sociedade excludente. Aqueles que são violados

indiretamente, que são moldados em seus intelectos, aqueles que são manipulados pelo capital, são criadores do próprio preconceito.

Mas há os grandes algozes por trás disso tudo, grandes empresários, instituições privadas capitalistas, pessoas, aqueles que criam, geram, constroem isso, rompendo e dividindo famílias, lares, criando inimizades em relações que outrora seriam duradouras.

Que tolise a minha achar que essa sociedade era apenas “assim” ... tolise não, ignorância. Percebo que essa questão vai além de apenas pensar diferente. É algo que está em nossa essência, os excluídos sabem que algo não está correto, nossa genética conta isso, nossa cor, nossa sexualidade, nossa orientação, a maneira que pensamos está atrelada ao conjunto de experiências, aos corpos e relações sociais que vivenciamos.

Distancio-me cada dia mais dessa visão eurocêntrica, será? O quão difícil é romper com esses “valores” impregnados dentro de nós. O Bem Viver transformou em mim conceitos, vidas, formas de pensar e refletir sobre essa sociedade que escraviza, que oprime, mas que também possui grandes formadores de transformação social.

Mãe terra que traga boas-vindas a esse povo, este que a desfigura e explora suas riquezas em prol do próprio ego e ganância.

3. TERCEIRA CARTA: ANÁLISES, VISÃO, OLHARES, OBSERVAÇÕES, APENAS: VIDA.

O currículo é político, a neutralidade é política, o conhecimento é POLÍTICO! Mas, para isto, saiba ouvir. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Caro leitor, Peterson, você que está lendo isto, oceanos são profundos, defino oceanos o que chamo de currículo, e a grande importância do mesmo neste curso para a ruptura das desigualdades. Em cada um há propostas específicas, cada currículo é responsável pela formação de territórios, esses que são deliberativos ou construtores de desigualdades e novas formas de observar, analisar e vivenciar o mundo.

Currículos que são expressão de comoção popular, esses que nos mobilizam e nos consolidam em seres democráticos. Em meio às cidades litorâneas no estado do Paraná conheci um pouco dessas marés. Pessoas, lugares, filosofias, vidas que buscam estabelecer relações na e com a terra, produzindo territórios, paisagens e espaços.

Quando cheguei em Pontal do Paraná, cidade de atualmente 30.000 habitantes segundo o Censo do IBGE (2023), me senti deslocado, mas não por retirar-me de um território que me sentia pertencente. Aliás, tive esse sentimento, mas não essa compreensão, me senti deslocado, pois as ondas dessa maré eram silenciosas, sombrias. Estava acostumado com marés “gourmetizadas”, aquelas das grandes cidades e capitais.

A princípio, acredito que há uma grande questão por trás dessa emanção de cortisol. Para orientar, o cortisol é um hormônio vital produzido pelas glândulas suprarrenais (adrenais). Essas glândulas são localizadas acima dos rins. É conhecido como "hormônio do estresse", pois possui diversas ações na resposta a situações estressantes.

Essa questão atrela-se a conviver em um local, historicamente em minha infância, onde não compreendia relações sociais específicas. Nada era dito entre as pessoas, como um oi ou olá, pois nessa sociedade capitalista e excludente as relações de poder, riqueza, capital, influenciam diretamente nas trocas de saberes, nos convívios sociais.

Hoje, questiono-me, por que tive sentimentos tão ruins dessa terra maravilhosa? Mas, entendo: necessitei passar por grandes transformações cognitivas, nesse oceano que é o currículo do curso de licenciatura em geografia da UFPR litoral. Conscientizações que auxiliaram a romper com a nossa alienação, com nossos pré-conceitos.

A maioria dos municípios do litoral do Paraná, são conhecidos pelas possibilidades de atividades turísticas. A temporada de verão é o período em que ocorre o maior aporte de turismo nas cidades

Grande parte dos municípios litorâneos tem sua economia atrelada às atividades turísticas. A questão territorial nessas cidades é peculiar, grandes empresários atuam no mercado imobiliário a seu favor, as vezes utilizando até o meio político a seus favores, a exemplo do setor imobiliário temos a regularização de terras.

Os grandes empresários são candidatos a vereadores e muitos vencem usando estratégias assistencialistas em uma sociedade desigual. As pessoas votam neles, para não passar fome. Esse é o Brasil.

Minha perspectiva de analisar esse complexo movimento criou-se dentro do curso de licenciatura em geografia. Não compreendo o território dessa forma. Talvez prefira analisá-lo como uma localidade que ainda resiste e sobrevive apesar das mazelas do capitalismo.

Eis a grande questão: qual a função da geografia nesse processo? Essa eu responderei: Ela transforma o olhar daquele que nunca observou e que simplesmente sempre “olhou”.

A geografia é dinâmica, olhar não é suficiente, precisamos observar. A grande “sacada” por trás da observação é que nela conseguimos compreender os grandes geradores de desigualdades, problemas socioambientais e econômicos em um determinado espaço. Desigualdades essas que são historicamente construídas pelo modo de produção capitalista.

Essas concepções vieram de outras localidades. Desde a colonização até o século XXI “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas” (SANTOS, 1993, p. ?). A criação de desigualdades não é à toa, é uma lógica, fundada historicamente desde o processo de colonização.

Minha visão eurocêntrica correspondia à que tinha sobre essas concepções, pois vivia apenas do que não me pertence, aquilo que não faz parte de mim. Quando digo isto, defino que vivia do exterior e não do interior, utilizava modelos norte americanizados para viver, compreendia a sociedade como algo meritocrático.

A grande questão está em transformar o local em que você se encontra, criar com todos e todas pertencentes a ele, pois nada se transforma individualmente, isto é relação

capitalista. As transformações necessitam da coletividade, da democracia, das vidas. Necessitam do olho no olho, da troca de ideia e, claro, de um ambiente democrático.

A grande função, se é que cabe alguma definição, analiso e percebo que a responsabilidade do geógrafo educador é contribuir para uma sociedade mais justa, essa na qual valores, direitos e deveres estejam entrelaçados nas propostas democráticas do Estado democrático de direito. Ser geógrafo educador é um desafio que influencia diretamente na construção do ser: esse que necessita de grandes reformulações cotidianas.

O meu eu de 2019 não compreenderia o meu eu de 2023, mas o meu eu de 2023 compreende o meu eu de 2019. O que quero dizer é: a grande revelação e transformação está em se compreender como classe, por meio da sua consciência social, política. O que exige transformação da sua concepção de mundo e, para isto, necessita de um educador, que pode ser o geógrafo.

A visão fortalecida pelo ego era grande em 2019, busquei por tempos encontrar maneiras e formas de construir propostas, sem levar em consideração aqueles que vieram antes de mim, que lutaram para que eu estivesse aqui.

Os povos originários possuem uma cosmovisão ancestral, entendem que os seus antepassados se comunicam com você, quando os grandes sábios estão dizendo silenciam, deixam seu ego de lado, sabem o momento de ouvir.

Ouvir, o que seria ouvir? Eu digo que o ouvir é além de apenas escutar, está em observar, analisar, intervir e mediar quando necessário. Está atrelado a ser observador de cada particularidade, de cada situação, cuidar de todos e todas, rompendo com o sistema individualista.

Pois bem, aprendi muito conhecendo-os, compreendendo que, nada vale, antes, ouvir aqueles que estiveram antes de você, antes-mim, aprendi a entender, ler e ouvir aqueles que estavam antes.

O ouvir é necessário para o conhecimento, para a sabedoria. No curso de geografia, aprendi a ouvir, aprendi a respeitar as falas. Nessa sociedade que poucos silenciam e muitos querem dizer sem ouvir. É necessária uma autorreflexão sobre o ser, ou seja, precisamos ouvir mais.

No ensino médio, em meio àquelas carteiras, cadeiras riscadas, risadas e conversas paralelas, aliás, eu também contribuía com esse processo, conheci o que buscava, aquilo que transforma minha vida: tornei-me educador. Nesse espaço, muitos queriam falar, mas, poucos queriam ouvir.

O ouvir, um processo obscuro muitas vezes, como ocorre nos corredores da Universidade, subindo lances de escada dia após dia, não compreendia qual era o sentido disto. Hoje, a lógica é dolorida a se compreender.

A Universidade é como uma muralha, algo que nem todos podem alcançar, que é estabelecido para alguns. Já aqueles cujas vozes não são ouvidas, dificilmente irão acessá-la. O direito é para todos(as), mas nem todos(as) conseguem acessá-lo, há uma ruptura nesse sistema. Defino isso como desigualdade intelectual, todavia social e econômica.

Ouvi e ouvi bem, analisei, observei e percebi que a Universidade é elitista, mesmo em currículos como o da Federal do Litoral. A grande dor que tenho hoje como educador é perceber que muitos gostariam de estar ali, mas não conseguem chegar.

Porém, a transformação educacional ocorre em espaços que eu não compreendia, alguns ainda não compreendo, sinto-me deslocado em locais onde a educação existe, afinal, ela ocorre em qualquer lugar. Hoje percebo a importância, entendo que a educação emancipatória não pode ser dissociada do viver, do estar rotineiramente interligada à vida de quem estuda.

Transformei-me dentro da UFPR, queria que todos e todas pudessem experienciar o que vivi. Talvez essa oportunidade traria grandes transformações sociais, ainda mais em um PPP como o da instituição UFPR litoral, e precisamente um PPC como o da geografia do litoral matinhense.

Entre grandes escalas e pequenos relevos, vivenciei momentos em que discordei, frustrei-me. Por anos entendia a frustração como algo negativo, algo que não necessita ser lembrada, muito menos explorada. A dor me consumia a lembrar-me de situações que me faziam gerar gatilhos emocionais negativos.

A frustração é necessária, assim como o ouvir, é complexo compreender. A tristeza existe, ela faz parte da vida, para que aprendamos com nossos erros, e eu aprendi muito com os meus, com momentos que estamos apaixonados pelo curso, mas também naqueles em que estamos desiludidos.

Após uma palavra, nos desapaixionamos, somos seres complexos, mas devemos romper com a bolha que nos colocamos. Essa bolha nos transforma em seres sensíveis, e nesta sociedade desigual, não há espaço para isso.

Triste realidade em uma sociedade que consome aqueles que não se mobilizam. Sei disso porque eu era assim e transformei minha vida após a geografia. Lutar por nossos direitos é necessário.

A escola, instituições de ensino são estes locais: de trocas de experiência, que buscamos compreender um ao outro. Há desigualdades e preconceitos por ser um local de acesso coletivo, que necessita de democracia, e através da mobilização estudantil isso consolida-se. Sem democracia, não há concepção emancipatória de escola.

4. QUARTA CARTA: A NOITE QUE JAMAIS ESQUECEREI: SONS DE UMA ORQUESTRA OU UM FILME DE TERROR?

A violência, o ódio, a opressão precisa consolidar-se apenas em amor, vida. Nada precisa sair de seu equilíbrio, o respeito é necessário, essencial para o bem-estar social. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Sempre pensei que as dores que passamos em nossas vidas, em muitos momentos, contribuem para a amargura do nosso ser. Hoje o Peterson de 2024 entende que depende de como lidamos com essas dores.

Em momentos de ternura, sentimos bons sentimentos. Já em momentos de decadência vital, nos frustrando com palavras e atitudes ameaçadoras, vivemos nossos grandes pesadelos. Nada jamais justificará o que presenciei em 2019, na noite de assembleia do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Nunca falei abertamente sobre como me senti naquele dia e como isso configurou o que sou hoje, mas aqui estou, deixarei este espaço para isto.

A vida é composta por ciclos complicados, passamos por grandes dificuldades, nossos pianos, muitas vezes, não tocam as melodias da maneira que esperamos, nesta metáfora, o piano é a vida. Escolho contar em metáfora, pois o que está nesta carta é pesado e difícil de ser lido por quem vivenciou o acontecimento.

Esse piano desafina, não raro por meses, anos, décadas. Os pianistas são as pessoas, constroem melodias que são suas vidas. Os momentos da utilização da nota de forma inadequada são aqueles em que nos frustramos e desanimamos do piano. Existem dias que nem sequer tocamos em alguma tecla, e é nesses momentos que precisamos procurar ajuda.

O Pianista em seu piano não deve interferir sobre uma orquestra que, na metáfora que estou utilizando são os coletivos, a sociedade em sua configuração social. As grandes vivências sociais são as orquestras, são compostas de muitos pianistas e outras pessoas com seus próprios instrumentos. Para que ela flua respeitavelmente bem, todos devem ter seu momento de tocar e as notas específicas que irão utilizar naquele respectivo momento.

O pianista, precisa ter grande respeito pela orquestra, nada o impede de expressar opiniões, mas o respeito deve ser mantido para o bem-estar de toda orquestra. Nesse conto, o pianista a que me refiro é um estudante.

Orquestrado o momento na sua cabeça, sei que reflete sobre tudo que faz, age e pensa muito bem na orquestra com a qual ele convive, ou seja, o coletivo da geografia da UFPR litoral. Por muito tempo não conseguia perdoá-lo, ainda não consigo do fundo do meu ser pelo que ele me causou, o que me fez sentir.

A abertura que aquela situação me criou, em meu coração, por anos, foi escalando e se transformando de algo sombrio para uma grande quantidade de virtudes que tenho, pois como disse, a frustração e a tristeza são necessárias para a vida. E a partir do ouvir dessa situação, passei a lidar melhor com atitudes incoerentes e desrespeitosas dos sujeitos dessa sociedade.

Um adendo específico para este caso, os acontecimentos neste dia ultrapassaram todos os limites do convívio social digno e respeitoso, me transformando em um ser cheio de ansiedades e questões nas quais sofro e luto diariamente para transformação.

Esse pianista específico fez com que eu tivesse pânico da minha orquestra, do meu coletivo. Lembrando o que comunidades tradicionais e povos originários falam sobre coletivos, há algo de errado com este pianista pois ele precisa de ajuda médica e especializada para os surtos que ele vive.

A orquestra sala de aula, nesse dia estava cheia, o pianista chegou atrasado. Não sei o que ele estava fazendo pois não estava presente no local que ele estaria antes da apresentação com sua orquestra.

A apresentação nesse caso entendo que são as interações sociais entre o pianista e sua orquestra. As interações entre o estudante e seu coletivo.

O pianista estava agitado neste dia, além de chegar atrasado, estava tocando notas desafinadas, uma a uma.

Na amplitude dessa metáfora, as notas são as palavras utilizadas, a falta de respeito, e ele estava desafinando na apresentação toda nesta orquestra. Às vezes intensificavam-se essas notas.

Logo aquela apresentação que deveria construir-me como ser, contribuindo para meu intelecto, tornou-se um dos piores momentos da minha vida. O pianista não aguentou, ele saiu de si, agrediu um membro da orquestra, rompeu com todas as formas de respeito.

A violência, a ignorância surgem de momentos explosivos, o saber ouvir também surge para lidarmos com nossas emoções e frustrações, e não as desafogar em pessoas, coletivos, em orquestras.

Nunca entenderei o que levou o pianista a agir de tal forma, aliás, até hoje ele age assim. Ele continua desafinando em suas apresentações, criando momentos de desafino, ele julga e define quem deve assisti-lo desafinando. Ele condena quem critica sua apresentação, esse pianista possui alguns traços narcísicos.

Todavia aprendi algo com esse pianista: a agir perante sua presença, grandes momentos em que tive presente em sua orquestra, ou seja, 4 ou 5 semestres. Passei por sentimentos de terror, horror em que a minha respiração acelerava, sentia meu coração em meu cérebro, devido à aceleração de meus batimentos cardíacos, pânico em estar em sua presença, afinal, será que ele iria me agredir também? Como poderia me sentir seguro?

A cada desafinação desse pianista, meu coração acelerava mais rápido, não por prazer, não por apreço, mas por dor, tristeza, desconforto, afinal, o que pensa esse pianista? Não sei... Não quero defini-lo, não cabe a mim isto. O pianista deveria responder por suas desafinações, não para julgamento, não para condená-lo, mas adverti-lo.

As orquestras que ele pretende ser narcísico e que ele defende, não é apenas dele, há um público nela, há membros que participam, a orquestra é coletiva.

Apenas digo, o pianista precisava rever suas práticas sociais, ele se tornou um opressor que oprime, julga e condena.

Grande sábio é aquele que sabe o seu momento de colocar-se em seu lugar, digo isto fora da soberba, no intuito de compreender que o respeito é a base de uma orquestra, de um coletivo.

Em relação ao curso, isto deveria ter sido revisto desde o início, entendo que a causalidade foi além do que a instituição poderia fazer, mas, muitos sofreram por conta de um estudante. Muitos desistiram por conta de uma pessoa. Eu poderia fazer um planear para mapear todas as pessoas que saíram da nossa orquestra geografia, mas talvez isso geraria gatilhos emocionais e o intuito desse memorial não é este.

O saber ouvir está além de apenas ouvir o que você quer, é saber ouvir o outro, respeitá-lo em todo o seu ser, muitos nesse curso deveriam aprender com isso, inclusive educadores e educadoras.

Mas neste caso, digo isto, apenas para salientar que erros são cometidos pois não somos perfeitos, há grandes dificuldades em lidarmos com eles também. Já persistir no erro é algo que devemos repensar para além da dimensão intelectual, talvez estejam atrofiados alguns neurônios no estudante e em outras pessoas mais nesta orquestra.

5. QUINTA CARTA: DA INTIMIDADE Á LGBTQIAPN+

É duro, entender que você é sozinho nesse mundo. Você não precisa de aceitação, não precisa de aprovação. Só precisa se amar e contribuir com o mundo, para se tornar um lugar melhor. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Por volta dos meus 5 ou 6 anos de idade sempre gostei de brincar de bonecas, uma das famosas e “padrões” que utilizava era a Barbie.

Brincar de uma maneira bem “especial” e convincente. Dizia aos meus pais que eu brincava com elas de “lutinha” ou que eram aventureiras. De certa forma eu estaria convencendo-os sobre minha masculinidade e soava um pouco mais hétero.

Por anos escondi esse sentimento que se apresentava para mim como algo demoníaco. Interpretei por anos como algo do mal, a homossexualidade vista como uma difamação familiar, como nas vertentes de uma família cristã e religiosa conservadora.

Iniciando o segundo semestre de 2019, estava passando por conflitos na minha cabeça, que desencadearam um processo de autonegação.

Eu não queria aceitar o que eu era, afinal, isso era maligno. A sociedade excludente costuma definir a homossexualidade atrelada aos princípios religiosos como algo indigno de amor, de santidade.

A partir dessa compreensão equivocada atribui-se a sobrecarga historicamente construída a algo que não é digno de divindade, de ser salvo. Muitos utilizam da homossexualidade para corromper o pensamento das pessoas, justamente utilizando a sexualidade para impor seus valores conservadores de alienação.

Lembro de pensar em contar sobre minha condição a meus pais, do desespero em saber o que eles pensavam sobre e como eles lidariam com isso. Hoje entendo que a vida é muito pequena para sofrer por tão pouco.

Quando digo pouco, não é sobre as consequências da orientação em si, mas pelo fato de atribuir tamanha energia negativa para algo que apenas me define, que para muitos é considerado um crime. Esta questão deveria apenas fazer parte da sua vida assim como qualquer outra pessoa em suas relações.

Nós da comunidade LGBTQIAPN+ somos assolados pelo preconceito, a discriminação, por processos de violência e muita pressão social.

Na Universidade Federal do Paraná encontrei pessoas que viviam a sua sexualidade. Nesta época, pensava que gostaria também de poder viver a minha. Passei a conversar um pouco com essas pessoas, desabafar sobre o que sentia, algo que vivi historicamente em minha vida guardando e consentindo dentro de mim.

Passei por sentimentos muito difíceis, pensei em desistir de tudo muitas vezes. Isto acabou interferindo diretamente no meu rendimento universitário.

Dentre os conceitos de reprovação, os únicos que tive foram no segundo semestre de 2019. Acontece que a minha dor ampliada e atrelada pelo medo de ser quem eu queria, contribuiu para meu andamento nesse período.

Seria injusto dizer como e o que aprendi naquele semestre nessa carta. Acredito nisso com convicção, como dizer o que aprendeu? Sofrendo diariamente por auto retaliações psicológicas...

Dentre os conteúdos estudados aprendi no curso sobre a educação que precisa ser humanizadora. Trazer reflexões sobre minha formação, nesse semestre, foi um desgaste psicológico, não pelo peso do portfólio em si, mas pela falta de amparo.

Me culpava de certa forma, como alguém poderia me ajudar se não existia uma abertura sobre isso. A única coisa que passava por minha cabeça era: afinal, como contar aos meus pais que sou gay.

Mas também compreendo que na concepção de parte da ala mais conservadora da sociedade, dizer, contar sobre isso é negativo e, dentro de berços cristãos ainda mais. Hoje não me culpo por não dizer, apenas penso que: Essa é minha vida, cada um cuide da sua.

Anos após esses sentimentos, quando assumi minha sexualidade a todos e todas, as pessoas da universidade, do meu curso, elas me ajudaram a entender a minha condição.

Não era um problema, mas a dor entrelaçada em meu coração era tão grande, não dava ouvidos a ninguém. O desdobramento disso foi que eu comecei a pesquisar formas de me curar dessa “doença”.

O universo gay, como toda comunidade, nos leva a considerar o medo a quem confiar tal confissão. Afinal é uma confissão? Não deveria, mas a fração da sociedade conservadora impõe isto para nós. Isso ocorre a partir das relações da sociedade machista, homofóbica e preconceituosa, o que faz com que muitos sintam medo de revelar sua orientação sexual.

Definir a homossexualidade como doença hoje é crime, fico feliz em ver a sociedade avançando, e que a luta por leis que nos protejam para que tenhamos direitos iguais avancem cada vez mais. Por muito tempo pensei nestas questões, mas já em 2019 isso aflorou: Por que eu? Penso: Sou assim.

Esse processo de me empoderar e a militância do que sou foi doloroso. Sei que a maioria dos homossexuais e da própria comunidade passam por algo parecido. Baseio isso em trocas e relações com amigos da comunidade. Todos eles passaram por problemas parecidos com o meu. Nesse caso, para mim intensificou-se. Tudo nessa época desabou.

Por conta das questões psicológicas e por não saber lidar com sentimentos de frustrações, meu rendimento como educador, apenas com 19 anos foi sendo insuficiente.

Demitido do meu trabalho pelo mal rendimento, pois como disse, nem todas as escolas são democráticas ou trabalham a partir da gestão democrática. Compreendo isso, passei por esse problema.

Reprovei dois semestres na Universidade por não entregar o portfolio na data correta. Sinceramente pensava: por que eu existo, para que? O que estou fazendo aqui ainda? Minha cabeça dizia: Peterson, você é uma pessoa complexa, com muitos sentimentos e intensidades.

Entendo, hoje, porque sobrevivi àquela época: para ser educador. A sala de aula me salvou, a educação pública, a universidade me salvou. Os amigos, os professores, as pessoas me salvaram. O amor pela educação, o amor das crianças por mim, o amor de todos e todas me salvaram e consolidaram no que hoje sou.

Escrever sobre isso ainda hoje é doloroso, o que passava em minha cabeça, pensei em desistir da vida. Eu não sabia qual o motivo de minha existência. Eu estava ali, mas me encontrava em um poço escuro ou num quarto trancado sem ninguém.

Pensei em desistir de tudo e apenas sumir. Algo inédito em minha vida. A próxima revelação: muitas das vezes fui até o mar e pensei em diversas formas de me afogar para que aquilo que me assolava parasse: a tristeza.

Essa sociedade patriarcal homofóbica cria em nós fundamentos estruturantes do que ser, o que vivenciar e como agir. Se você não caminha no sistema, você é condenado, retaliado. Isso é doloroso, principalmente para jovens, crianças, assim como foi comigo.

Nunca revelei esses sentimentos a ninguém. Mas sim, pensei em me suicidar. Não por não valorizar a vida, mas para que a dor parasse.

A minha família não contribuiu no início nesse processo, sentia sentimentos ruins sobre todos e todas. Compreendo cada um, não pelo que disseram e fizeram, mas pelo que sentiram. Somos todos reféns dessa sociedade preconceituosa.

Uma grande transformação em minha vida foi estar nesse processo de vivências que trouxeram para mim outras óticas sobre como observar o mundo.

A geografia entrou em minha vida no momento essencial, não sei se estaria hoje aqui sem ela.

Defino a geografia para além disso, como um conhecimento que auxilia a transformar o mundo. Ela salva vidas. Obrigado Licenciatura em Geografia da UFPR Litoral por salvar a minha vida, essa carta é para vocês, para os amigos, educadores e educadoras, colegas e pessoas que direta e indiretamente contribuíram com minha aceitação.

Hoje tenho orgulho do que sou e esse processo de autoestima consolida-se a partir dos conhecimentos geográficos, conhecer o mundo contribui para compreender as diversidades.

As diversidades são necessárias, para que o mundo se torne mais inclusivo e pluralizado, respeitando todas as diferenças e gerando mais amor, respeito e compreensão para todos e todas.

6. SEXTA CARTA: A PANDEMIA E O PROCESSO DO ISOLAMENTO SOCIAL

A transformação ocorre no silêncio, no saber ouvir, ouvir você mesmo.

– Peterson Ricardo Gomes Nunes

Início de segundo semestre, ano de 2020. Recuperado dos conflitos que pairavam sobre minha cabeça. Momento de reconstruir, recomeçar um novo projeto.

Estava empolgado com o início do semestre, depois de uma grande crise existencial, tudo estava chegando a um consenso dentro de mim.

De repente: Pandemia global. Lembro-me das sirenes tocando pela cidade, dizendo aos habitantes que era estritamente proibido a saída de suas casas. Moradores, crianças, pessoas estavam estritamente restritas ao deslocamento em seu próprio território. Como eu, geógrafo, estaria restrito nos meus deslocamentos? Como conseguiria cumprir com a identificação dos espaços e análises espaciais?

A grande questão pandêmica foi um processo de grande complexidade, não caberá a mim nessa carta dizer sobre todas as questões, trarei apenas a minha perspectiva sobre esse momento.

Quando chegou o ano de 2020, após assumir todas as novas condições de orientação sexual entre outras, estava com um novo projeto. Desempregado e buscando um emprego, queria na área na qual tinha apreço e conhecimento: Educação. Acabei trabalhando como garçom em alguns restaurantes de Pontal do Paraná.

Esse momento foi grandioso para uma autorreflexão, pois percebi o quanto a sala de aula me fazia falta e pedia diariamente para que Deus a colocasse novamente em minha vida.

Uma das práticas que compreendi dentro do curso de geografia se chama autonomia. Eu nunca tive essa autonomia. Acredito que muitas vezes acabei sendo moldado e podado em relação a ela. Eu era uma pessoa dependente em muitos aspectos, dentre eles os sociais e afetivos.

No silêncio da noite em meu quarto, o Peterson de 2020 refletia como deveria ter valorizado e protegido seu antigo emprego na escola, porém, hoje o Peterson de 2024 compreende que tudo aquilo foi necessário para o crescimento pessoal e intelectual.

A geografia contribuiu muito para me perceber, em buscar meus objetivos, sonhos, almejar o que eu queria e lutar por aquilo. Nesse sentido, não é uma questão de meritocracia, mas de buscar reconhecer sonhos. A geografia me ajudou a sonhar.

O momento da pandemia configura no que sou hoje, pois foi nesse momento que me aproximei novamente de minha mãe e do meu pai, conversei com eles sobre todas as questões e sobre o que eu almejava para o futuro.

Em momentos de tristeza, ganhando um pequeno salário, mal dava para pagar contas, pensei em desistir, mas a resistência, a militância me manteve em pé, lutando e buscando espaço e eu apenas pensava: só preciso de uma oportunidade.

Lembro-me nesse período, ao ligar a televisão, o inelegível ex-presidente Jair Bolsonaro, na época proferindo coisas horríveis sobre as pessoas na pandemia. Ele era cruel, imitando pessoas morrendo com falta de ar pelo COVID-19.

Lembro-me também dos leitos de UTI e pessoas morrendo diariamente.

Lembro-me das crianças com problemas escolares e presas em casa.

Lembro-me de que as taxas de violência contra a mulher subirem durante o período de confinamento.

O período pandêmico foi difícil para todas, todos e todes, buscamos nos apoiar em nossos familiares, amigos e colegas.

No meu caso, foi a partir do silêncio, ouvindo-me que compreendi que eu precisava agir.

Mande e-mails para a secretaria de educação do meu município, encaminhei um projeto de oficina de Teatro pois tinha experiência em organizar oficinas educativas para as crianças.

Quando se é pobre e apaixonado pelo ato de educar, você estuda, molda-se e aprende a aprender de tudo para garantir o seu dia a dia.

Graças ao portfólio em minha graduação e à formação de docentes, sempre gostei de escrever projetos e assuntos pautados em educação. Refleti e pensei, um dia alguém irá olhar o projeto e acolherá.

Meses depois recebo um e-mail da atual vice-prefeita de Pontal do Paraná, ela queria uma reunião comigo. Me arrumei e fui até a secretaria de educação, graças ao projeto, graças à Universidade Pública, sai de lá naquele dia com um emprego e com um sonho.

Trabalhei por 3 anos com oficinas de Teatro, em diversos contextos, trabalhando com cenários e teatros atravessados por grandes questões sociais, políticas para que as crianças criassem senso crítico através destes.

No ano de 2022, fiquei feliz, porque meu projeto chamado: Festival Primavera saiu na revista de educação do município, como um dos eventos mais importantes da cidade.

Trata-se de um movimento que criei de festival de teatro na Escola Municipal Primavera. Nesse evento, tínhamos 3 peças de teatro e muitos espetáculos com danças que representavam épocas, culturas e estilos focados na pluralidade cultural brasileira.

Uma das práticas que considero surgir do sujeito com autonomia é a construção de projetos. A bagagem que a geografia me possibilitou foi de conseguir analisar e observar o futuro, criar grandes projetos e acreditar neles, saberia que um dia tudo isso iria ser concebido pela educação e chegaria em quem eu mais almejava: as crianças.

Durante o período de isolamento social trabalhei algum tempo auxiliando e assessorando um vereador do município de Pontal do Paraná. Sempre analisei o espaço como algo necessário para a reflexão, avaliei o ambiente em minha volta como um bom geógrafo.

Fazia projetos de caridade nos lugares mais pobres da minha cidade, observei famílias com casas menores que meu quarto, onde viviam cerca de 5 a 6 crianças, fora os adultos que nela estavam. Percebi que a miséria existe e está mais próxima do que imaginamos.

Quando nos encontramos com a miséria, mudamos nossa concepção de ser, nossa vivência enquanto ser humano. Compreendi, neste momento, que a vida é algo para além de apenas estar pensando em sair, beber e se divertir.

A vida é mais complexa que isso, é dinâmica e a desigualdade existe. Os problemas sociais estão beirando nossas portas e o que fazemos para mudar isso? De que maneira posso contribuir com essas pessoas? Foi para isto que escolhi minha profissão.

A função do educador é mais complexa do que a de professor, afinal, não estou para professar nada, muito pelo contrário, o caminho para a sabedoria conjunta entre o educando e educador é, sobretudo, romper com os paradigmas dos pré-conceitos e aderir a novas possibilidades de vivenciar a educação.

A geografia do litoral se encarregou de providenciar isso, o curso sempre trouxe consigo a perspectiva de compreender a vivência do educando, hoje entendo porque ouvi

tanto dizer sobre aprendizagem popular ou educação informal e não-formal, basicamente não me tornei professor mas um educador.

A busca incansável pela riqueza, essa capitalista e sem fundamento, não faz sentido se sua pobreza de alma resplandece sobre os outros à sua volta.

Hoje entendo que a educação é mais complexa do que parece, é responsabilidade, é vida, é você estar e chegar em um lugar e ser reconhecido pelo que construiu com as pessoas e não pelo que é.

A pandemia, o quarto, os momentos entre quatro paredes sozinho, contribuíram para quem sou hoje, lamento pelas vidas e fatalidades das famílias, me compadeço por todas as pessoas. Espero que um dia, de alguma forma, essas pessoas que perderam seus entes queridos por incompetência, negligência e política genocida possam ser recompensadas de alguma forma e compreender criticamente o que viveram.

7. SÉTIMA CARTA: A CRIAÇÃO DO GEÓGRAFO EDUCADOR

As desigualdades só irão deixar de existir quando o cuidado passar a ser prioridade da humanidade. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Em busca do conhecimento me debruço em livros e mais livros, busquei entender as compreensões que a geografia tinha sobre as desigualdades. A resposta para isso, em minha percepção, que me mais me contemplou foi a visão materialista histórico-dialética.

A coerência nesse perspectiva é de que ao me tornar educador, o processo de formação traz consigo possibilidades outras de interpretar o cotidiano escolar, de maneira a estar atento a cada movimento, olhar, fala, estar inteiramente naquele território.

A escola é o local que forma e compõe territórios, sejam estes mais amplos ou mais complexos.

A grande questão de você identificar-se como educador e não professor é estar ali, perceber o seu educando, olhando-o atentamente você conseguirá compreender que a educação vai para além de meras palavras utilizadas nos grandes livros, nas imagens, em vídeos ou jogos apresentados.

As palavras, o olhar, a percepção, devem ser utilizadas com sabedoria, sobretudo em momentos em que tudo se torna problemático e incoerente.

A partir da incoerência é que iremos encontrar o efetivo sentido do educar. É nesta que percebemos onde, quais locais e territórios poderemos acessar, ou, onde quero chegar com o que está sendo apresentado por determinados sujeitos.

Acho que nesse caminhar na geografia e na educação, percebi que mesmo em passos de tartaruga, nasci para estar em sala de aula, mas não como um destino pré-definido, e sim porque busco criar e fortalecer sonhos e possibilidades de meus educandos.

Talvez a minha função atribuída na lei para educador não seja essa, mas entendo que essa é minha militância, minha função como ser humano.

A proposta nessa carta é apresentar como a minha visão dentro de sala de aula mudou em quatro anos de graduação.

A geografia contribuiu para me perceber como um educador em constante transformação e não apenas uma pessoa que se mantém estática.

Entendo hoje que a formação do território brasileiro está ligada às desigualdades históricas que aqui foram construídas. Além das violências historicamente estabelecidas,

há uma necessidade de nós, geógrafos educadores, sobretudo eu, contribuir com a ruptura do paradigma de que há possibilidades neste país apenas para os ricos. Para isso acontecer, é necessário o posicionamento político, ele é a base na constituição da democracia, de formas outras de pensar a mesma situação, além disso, esse posicionamento necessita de um aspecto crítico das teorias da formação territorial, espacial e das desigualdades sociais que auxilia na transformação epistemológica.

Quando entrei na graduação, minha visão era apenas sobre os preconceitos e situações cotidianas que eram evidenciados para mim, por meio de um olhar empírico.

A questão que quero chegar é que para avançar para além do empirismo ao olhar crítico-social é necessário conhecimento teórico e compreender que a formação de todas as situações como preconceito, LGBTfobia, racismo está configurada dentro da mesma vertente inicial: as desigualdades sociais e a pobreza.

No passado, quando o território brasileiro estava se configurando ou sendo imposto, apesar dos silêncios históricos da sociedade, houve a necessidade de ampliar e implementar uma cultura homogênea eliminando os povos originários, seja por meio de violência cultural ou genocídios e etnocídios.

Essa imposição é denominada por muitos de aculturação de um povo. A grande questão por trás disso foi o controle social, intelectual para que esses povos fossem assassinados, escravizados e subjugados pelos colonizadores.

Essa perspectiva demanda a grande necessidade do educador crítico-social em sala de aula para intervir na educação com uma perspectiva crítica, apresentando os fatos, as grandes desigualdades sociais, e principalmente a matriz histórica que auxilia a compreendê-las.

Dessa forma, fui percebendo que para que me tornasse um educador crítico, primeiramente, precisava trazer em pauta minha militância, esta de forma coerente, para acessar o coração e as mentes dos meus futuros educandos, e complemento que essa foi a maior conquista do curso de geografia do litoral, me concedeu a oportunidade de me reinventar como educador, sobretudo, geógrafo.

8. OITAVA CARTA: O MEDO COMO PROPOSTA DE MUDANÇA

O medo precisa ser enfrentado com indignação. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Em conversas com colegas, discentes e docentes do curso, fui percebendo que as formas de enfrentar as desigualdades sociais, oportunizar um pensamento crítico, acabam sendo determinadas pelo conhecimento, ou seja, é importante o estudo para compreendê-las.

A grande questão subjacente a isso para não assumirmos discursos meritocratas é a necessidade de compreendermos a importância do pobre, trabalhador, indígena, negro, LGBTQIA+ estar dentro de universidades e nos locais de produção do conhecimento.

Em diversos momentos me mantive amedrontado sobre os problemas no curso, e ainda tenho problemas com isso, por conta de questões que ocorreram e ainda ocorrem neste.

Cheguei à conclusão de que eu precisava me posicionar, a necessidade disso me torna o que sou hoje, configura no que me tornei, cansei de apenas observar o medo como algo que me coagisse, passei a utilizá-lo como combustível para meu movimento.

O medo faz parte da nossa configuração como ser humano, é graças a ele que nos respaldamos em ações, somos cautelosos em falas e sobre como agir perante determinadas situações.

Mas há um abismo entre o medo e a omissão. Há problemas no curso que surgiram a partir da omissão de muitas pessoas, é compreensível, mas também problemático, pois a união da omissão contribui com desigualdades, preconceitos entre outras questões atuais nesta sociedade.

Hoje reflito que o curso me ensinou a lidar com meus medos, não deixar as pessoas falarem, dizerem e agirem como quiserem sem pensar nas consequências, e não no sentido de punir ou julgar, mas sim em dizer que há situações e há limites para o desrespeito, ameaças, comunicação violenta e outras ações.

A geografia luta constantemente para que haja uma possibilidade de repensar o território, seja qual for a concepção, para isso precisamos diariamente fortalecer nossas linhas de pensamento e lutar pelo que acreditamos.

Bom, eu acredito em uma sociedade sem preconceitos e com justiça social, para isso, precisei vencer meus medos e me opor e posicionar em relação a situações com as

quais não concordava (falta de respeito, ódio, violência, ataques psicológicos, entre outros).

Hoje, o educador que me tornei, não aceita e nem tolera qualquer discriminação, seja qual for, independente de quem seja, precisamos nos fortalecer e lutar para que as pessoas se sintam bem em estarem em espaços que lhe são de direito.

Há diferença entre expor uma opinião e praticar violência, existe uma disparidade grande. Assim, reflito, penso e chego à conclusão de que tudo necessita ser problematizado.

Antes de falar, preciso pensar. Depois de pensar, preciso refletir. Depois de refletir preciso agir.

Penso em um território escolar, com adolescentes e crianças, e na importância de levar a cultura de combate ao ódio, que valoriza a reflexão, o pensar, a construção de fundamentos das ações a partir da amorosidade freiriana. A amorosidade freiriana. De acordo com o Dicionário Paulo Freire (2010, p. ?):

Amorosidade na visão freiriana é vida, vida com pessoas, é qualidade que se torna substanciada ao longo de sua obra, de sua vida. Condição assentada na centralidade da possibilidade dialógica, que exige o amor e a confiança, em que o diálogo nunca será apontado, é sempre um caminho (FREIRE, 1987). Por onde os homens e as mulheres tomam consciência de si em relação com os outros e com o mundo da natureza e da cultura, da mediação pelo trabalho com o conhecimento e com a vida pelo diálogo como potencialidade existencial do ser humano. Na centralidade dessa amorosidade, a dialogicidade é um conceito fundante da teoria pedagógica freiriana que se faz antropológica, porque teoria gerada na luta pela libertação dos seres humanos oprimidos em uma sustentação ética que transpõe os limites das subjetividades e se transforma na ética construída nas intersubjetividades do cotidiano vivido e por viver. Ética que se funda na concretude das lutas com esperança sem raiva, sem odiosidade, mas eivada de indignação. Por isso mesmo, ela nunca deve estar separada da estética. “Decência e boniteza de mãos dadas”.

A grande questão nessa perspectiva é compreender que há uma possibilidade de diálogo, sem ódio, sem deturpação e que esse seja objetivo, direto, com indignação, mas sobretudo com respeito.

Se há um ensinamento tão grande quanto este, desconheço, aprendi isso na geografia e levarei para a vida, o ódio precisa ser contraposto pelo amor, mas também com indignação sobre ações que causem violência às pessoas.

O medo é responsável por nos guiar nos caminhos mais turbulentos da vida, pois é a partir dele que criamos força para lutarmos contra as violências e opressões.

Há uma necessidade em romper com esse medo do terror, do pavor. Por mais difícil que isso seja, ele precisa ser enfrentado com indignação, com estímulo, com a necessidade de enfrentarmos essas práticas de violência.

Hoje me sinto preparado para enfrentar esse medo que por anos me assolou, aprendi como geógrafo educador a minha responsabilidade, a necessidade de intervir e mediar questões ligadas à violência, percebo hoje a importância de um olhar crítico e da problematização dos fatores que a produzem.

Em análise sobre as pessoas que estão no curso, sobre as situações, quando nos colocamos na postura de vítimas, precisamos também abarcar todos os fatores que compõe essa palavra.

A vítima de uma situação é substancialmente uma reflexão sobre a prática do agressor. Dessa forma, para todo agressor, a vítima sempre será seu agressor a partir do momento que este seja denunciado.

Precisamos romper com discursos falhos, pequenos. Colocar nossas histórias de vida é importante, porque nos compõe como seres humanos histórica e culturalmente construídos, mas não podemos utilizá-las para propagar o ódio, a intolerância, o terror ou até mesmo a violência em todas as suas formas.

Compreendo que em tudo isso há uma complexidade de ser humano, de nos compreendermos nisto, pois é difícil e árduo exalar o amor quando se tem apenas o ódio em nossas vidas.

Isso é um exercício cotidiano, precisamos refletir sobre nossas práticas interpessoais e profissionais, para conseguir romper com o ciclo de violência que assola a humanidade por séculos.

9. NONA CARTA: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A GEOGRAFIA NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO EU-EDUCADOR

A inclusão surge com a proposta de intervir na particularidade de um educador, a fim de promover a reinvenção de si mesmo. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Desde muito jovem, sempre trabalhei com educação infantil e anos iniciais, ministrando oficinas de teatro, música, dança e artes em geral. Pensar em educação me remetia sempre a estar no ambiente próximo às crianças. Isso me deixa feliz, poder observá-las e contribuir com a construção e desenvolvimento do ser de cada um.

Há peculiaridades na profissão de educador que são insubstituíveis, sinto a partir de cada agradecimento, carinho, e principalmente nas atitudes de autonomia e de pensamento crítico de meus educandos que estou trilhando um caminho correto.

Nem sempre essa caminhada foi dentro das expectativas que eu tinha sobre a educação, cada momento das nossas vidas nos constrói e flui na fragrância necessária de cada característica importante para a constituição do eu-educador.

No curso de formação de docentes, este que fiquei por 4 longos anos, tive uma perspectiva da educação tradicional, homogênea, que trouxe características burocráticas e um olhar romantizado e muito técnico, aprendi sobre questões da psicologia, história e a trabalhar de maneira pedagógica alinhada com os traços da pedagogia tradicional.

A partir do ingresso na licenciatura em geografia, houve uma grande ruptura sobre quem eu era ou quem seria e quem sou. Isso por conta da construção de outra ótica que a geografia me apresentou. Percebi que o mundo era muito maior para além das barreiras que a pedagogia tradicional instaurou em mim, mostrou que eu precisava buscar mais conhecimento, indaguei-me e frustrei-me por achar que conhecia muito, quando, na verdade, conhecia pouco.

A grande questão na geografia, penso hoje, foi apresentar um mundo repleto de possibilidades, em que eu preciso estar atento para guiar-me por esses caminhos, trilhando com autonomia intelectual, com planejamento de sonhos que até então eram impossíveis e passaram a ser possíveis. Segundo Paulo Freire (2000, p. 54), “[...] os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta”.

O trabalho com ensino fundamental casado com o curso de geografia me ensinou a compreender que cada criança possui uma família, que cada uma possui um território que possui uma história, e que nela há grandes divergências sociais, econômicas e políticas. Ainda estou no processo de compreender esse fenômeno, porém, algumas questões passaram a ser mais fáceis de analisar, sob uma ótica social, crítica, mas também humana.

Cada criança em sala de aula possui sua própria história, seus territórios e as atitudes de cada uma refletem o que vivem no seu cotidiano. Penso que devemos ter leveza, delicadeza e muito respeito ao auxiliar a constituir uma criança. Nessa proposta, digo que a vida, o território, os aspectos sociais, tudo contribui para o desenvolvimento daquele ser, a proposta não é apenas constituir, mas ajudar a somar e a construir um novo horizonte sobre a vida daquele ser.

A escola é construtora de culturas, ciências e de um grande equilíbrio na compreensão do social. Antes, minha ótica sobre a escola era de apenas um lugar de transmissão de conhecimento, muito devido à educação tradicional no magistério. Hoje, a partir da licenciatura em geografia eu compreendo que não há uma linearidade. Como educador compreendi que necessito refletir diariamente sobre meu papel social, a transformação que posso realizar na vida de uma criança, e que isso é a função social da escola, que todos tenham direito e acesso à ciência, cultura e educação.

Trabalhar com a educação infantil me ensinou a pensar com afeto, carinho, e entender que muitas crianças entram em um mundo difícil e muito cedo, devemos criar formas de trabalhar com elas para que desde muito pequenas consigam interpretar esse mundo. Privar essas crianças do conhecimento pode acabar gerando dores inacabáveis e traumas indescritíveis.

Entendo que deve haver leveza, respeito, delicadeza em compreender os potes que carregam essas crianças, que futuramente se tornarão grandes baús repletos de sentimentos e conhecimentos de sua história vivida diariamente.

O olhar geográfico contribuiu para observar a criança não apenas pelos olhos, mas por toda sua amplitude do que ela é. Cabe ao educador, sobretudo o geógrafo, entender que a criança, assim como o adulto, possui uma variedade de histórias, experiências e vivências no meio em que vivem.

Em uma perspectiva inclusiva, percebo a necessidade de observar, analisar todo o contexto da criança para ser colocado em pauta no momento de “avaliar”. A avaliação é um instrumento importante para o educador, desde que seja refletida e pensada com um

olhar social, humanista, mas também deve ser coerente com os objetivos, as propostas e deveres que devem ser alcançados.

Em meados de 2020, durante o período pandêmico, estava sentado em meu quarto lendo um livro de teatro. Nessa época eu trabalhava com oficinas teatrais no município de Pontal do Paraná. Logo o telefone tocou, era minha irmã, chamada de vídeo para minha mãe, ela estava ao meu lado então resolvi participar da conversa pois pensei ser algo importante.

Quando atendemos aquele telefone, mal saberia eu, que minha vida iria mudar novamente. Fiquei frustrado por pensar estar ainda rompendo com um processo tão doloroso como a aceitação LGBTQIAPN+, mas também entendi que é isso: A vida é um processo de construções e ela é muito dinâmica. As sociedades capitalistas contribuíram na lógica da produção para que tudo se torne imediato, rompendo com o tempo dos ecossistemas, o aguardar da natureza, o aguardar indígena. Hoje, entendo a dinamicidade que a vida traz com seus desafios.

Logo que minha mãe atendeu a ligação, minha irmã estava em prantos, frustrada, chorando e sentindo-se muito mal pela notícia. Meu sobrinho foi diagnosticado e laudado com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nível 3 de suporte. Ficamos todos muito desolados e tentando refletir sobre a informação.

Minha mãe ouviu o desabafo da minha irmã, após desligar o telefone, começou a chorar sem entender tudo aquilo, e eu disse a ela: Mãe, somos todos seres diversos e diferentes, qual é o problema disso? Ela entendeu.

Após a informação do laudo do Raphael, comecei a estudar para entender o espectro, debruçava-me sobre livros, vídeos, filmes, artigos, ciência que falasse sobre o autismo, fiz todo o possível porque queria aprender, simplesmente para tentar me comunicar com ele.

Minha irmã não ficou parada, após saber do laudo, começou a procurar terapias comportamentais, medicamentos e formas de conseguir seguir o tratamento do Raphael.

Esse relato acompanha a nova proposta dentro das escolas, após término da pandemia, percebi que todo meu estudo não foi em vão, logo no primeiro conselho de classe do primeiro bimestre de 2022 percebi que mais de 80 crianças em uma escola de 250 alunos estava sendo encaminhadas para avaliação de algum transtorno, dentre esses, o próprio autismo.

Nesse momento, em minha caminhada como educador, percebi que além de toda a particularidade de nós, seres humanos, há um grande universo muito além na perspectiva da educação inclusiva, essa que faz parte e nos compõe como seres humanos também.

Hoje analisando, pude perceber que somos seres muito mais diversos do que eu pensava, e que realmente cada análise pequena, minuciosa, deve ser pensada, calculada e refletida. Cada palavra dita deve ser pensada, analisada e refletida. Depois disso devemos verificar se todo o ambiente está propício para dizer o que refleti, analisei e pensei.

Em 2022, trabalhei como professor PAEE (professor de atendimento educacional especializado) de quatro crianças com TEA. Cada criança que passou pela minha vida, as compreendi com uma visão para além das questões diárias e do cotidiano, e reconheço que aprendi: eram as crianças que tinham direito à inclusão.

Passei a me reinventar como professor, compreender que cada indivíduo é orgânico, aprendi verdadeiramente a respeitar a individualidade, a história, o território e a vivência de cada ser humano a partir do conhecimento das crianças laudadas.

Se me contassem que aprenderam muito sobre geografia com a inclusão eu iria rir, porém eu vivi isso, e aprendo diariamente. Hoje, em 2024, continuando o trabalho com crianças com TEA, entendo que a inclusão e a geografia são fenômenos que andam lado a lado no processo de desconstrução de paradigmas vinculados ao preconceito e à homogeneização dos territórios, ambientes e pessoas, não há dúvida.

A inclusão trouxe para os territórios escolares uma maneira diferente de pensar a escola, pois a instituição não deve se adaptar para as crianças de inclusão mas deve adaptar seu território para todas as crianças, sejam elas atípicas ou não. Os educadores passaram a considerar em sua totalidade a criança no momento de avaliar, isso a partir da inclusão, os territórios escolares necessitam ser os mais democráticos possíveis, sob a pena de resultar em danos aos direitos dos sujeitos, nesse caso, das crianças.

Lembro-me de uma viagem para o Quilombo João Surá, no Vale da Ribeira, no módulo Estágio II. Nessa caminhada, consegui compreender a necessidade de cada território ter sua particularidade respeitada, sua própria escola, seu próprio PPP (Projeto Político Pedagógico), para que esse alcance o ensino que aquele determinado território, vivência e história precisa trabalhar com a sua comunidade.

A inclusão, todavia, está dentro do território urbano, porém, mostrando que a escola precisa ser cada dia mais democrática e inclusiva, buscando alternativas para a produção de um espaço que componha o saber e o viver de todas as pessoas que ali vivem.

Segundo o art. 38 da LBI (Lei Brasileira de Inclusão): É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, art. 38).

Cabe ao Estado providenciar direitos a essas pessoas, assim como a Constituição Federal já define que todos têm os direitos assegurados por essa lei mãe de todas as outras políticas públicas.

Quero concluir essa carta dizendo que cada ser humano que passa por nossos territórios na sala de aula nos moldam, transformam e mudam nosso olhar sobre a perspectiva do mundo, mas também nos incentivam a criar condições de analisá-lo de forma plural. A única profissão que tem esse potencial é a nossa: educador(a), eu-educador(a).

10. DÉCIMA CARTA: OS TERRITÓRIOS DO CORAÇÃO, AS AVALIAÇÕES PESSOAIS, AS DORES E ANSEIOS ENCONTRADOS NO EU.

Cada território, em sua pluralidade, constrói em nosso coração caminhos a trilhar e perceber, analisar e refletir o que há em cada um. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Os territórios são locais, espaços, que vão além dos conceitos pré-construídos sobre estes, é algo que nos possibilita a oportunidade de perceber a sua totalidade, esta que vai além do mero olhar.

Mas nesse momento, não quero falar sobre o conceito de território na perspectiva geográfica, não quero passar o meu olhar técnico científico sobre o conceito de espaço, quero dizer sobre o meu território mais íntimo, os meus anseios e dificuldades que encontrei nesse lugar: meu coração.

Nesses quatro anos de graduação percebi que um dos maiores desafios da universidade é conseguir romper com os pretextos pré-definidos e ampliar o canal de discussão para uma análise mais crítica que irá alcançar o seu próprio território, sua história, onde você cresceu, sua vida.

Durante o 7º e 8º períodos do curso entrou uma discussão que não havia aparecido em meu território até então: Quem vou ser após a finalização do curso? Essa dúvida me assolava e deixava ansioso pelo futuro.

Em algumas aulas com o educador Marcos Zanlorenzi ele sempre disse que não há como você se definir como alguém que ainda precisa ser algo extraordinário, pois você já é isso, desde seu nascimento, você já é alguém.

Colocar na prática o que o Zan me disse foi um dos maiores desafios que eu poderia encontrar, dentro da sociedade capitalista onde você é a todo momento colocado em competição com outras pessoas, desafiado pelo seu intelecto e sua percepção sobre os conceitos científicos dos mais variados assuntos e pautas.

Logo no 7º período, com a posse do governo Lula, parece que os concursos começaram novamente a surgirem, e eu também comecei a buscá-los, afinal, precisava de um emprego para sobreviver.

Há algo que sempre guardei dentro de mim, nunca revelei para ninguém. Sou péssimo com as provas de concurso e aquelas tradicionais. Sempre fico muito nervoso e ansioso tendo muitas dificuldades com provas.

Quando essa reflexão surgiu, confesso que fiquei um tanto desanimado em pensar que eu provavelmente iria ser desafiado pela minha capacidade de lidar com provas, levando em consideração que meu curso não utilizava do método de provar alguma coisa através do papel como avaliação, fazemos a auto-avaliação e avaliação coletiva.

A questão sobre a avaliação coletiva sempre me frustrou até perceber sua finalidade ou pelo menos o que penso que seja. A geografia conseguiu criar um método avaliador que me deixa hoje, refletindo sobre meus longos quatro anos muito orgulhoso por me formar nesse curso. Pois bem, irei explicar minha percepção.

No início, não compreendia essa facilidade de autoavaliação, me sentia mal por colegas que não participavam das aulas, que não liam ou entregavam os trabalhos ganharem a mesma nota que eu. Porém, há um equívoco muito capitalista no meu pensamento, e a falta de maturidade em 2019 influenciou no que eu pensava.

O diálogo da autoavaliação é essencial na sociedade democrática, desde que as pessoas digam o que pensam verdadeiramente. Existe uma situação nessa hipótese muito interessante, não se sabe o que realmente aconteceu com as pessoas que hoje não se sentem confortáveis em receber críticas construtivas e observações voltadas para si mesmas.

Penso sempre que há uma culpabilidade dentro da sociedade do perfeccionismo exacerbado, todavia isso não é a única motivação de não sabermos lidar com críticas e com o papo reto.

A questão colocada em jogo na proposta da autoavaliação, hoje, se tornou algo bem claro para mim. Na autoavaliação você não está apenas avaliando sobre o que aprendeu, os conceitos, o conteúdo em si, isso obviamente dentro do âmbito universitário irá acontecer de maneira natural. Na autoavaliação também é avaliado seu caráter e principalmente sua capacidade de empatia e aceitação.

No início do curso me sentia frustrado em expor minhas ideias sobre as demais pessoas, situações, tarefas e objetivos que eu deveria ter cumprido porém,

não o fiz. Muitas vezes por preguiça, falta de estímulo, de vontade, por estar com foco em outras coisas, ou seja, uma infeliz autossabotagem de mim mesmo.

Logo, com o passar dos anos, minha vontade nas assembleias de cumprir com todos os objetivos foi crescendo, mas para além de entregar os conteúdos, além de apenas estar dizendo o que penso, me veio a vontade de me tornar um ser humano justo, empático e melhor.

Existe uma grande dificuldade em lidarmos com a rejeição, ainda mais quando se é LGBTQIAPN+. Nessa particularidade, nossos territórios emocionais relacionados à rejeição são muito maiores, pois, sempre queremos ser aceitos e fazemos o máximo para isso acontecer.

11. DÉCIMA PRIMEIRA CARTA: A GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE OS DOIS MUNDOS

A geografia pode contribuir com a educação infantil desde o princípio da existência do ser – Peterson Ricardo Gomes Nunes

Trabalhando como educador infantil, professor de atendimento especializado desse nível de ensino, percebi que minha pesquisa na geografia seria unir o ensino desse componente e a educação infantil. As crianças desde muito pequenas conseguem realizar feitos inimagináveis, por isso, é importante saber explorar esse aspecto.

É relevante considerar que a geografia é responsável por apresentar para as crianças desde muito pequenas conteúdos sensório motores e operativos, conceitos básicos de localização, território, espaço, paisagem, lugar, minha casa, natureza e sociedade, auxiliando no processo de compreensão sobre onde moram, quem são, no desenvolvimento da lateralidade como ao lado de, direita ou esquerda, à frente e atrás, acima e embaixo e outros. Segundo Silva e Cabó (2012, p. 03):

A Geografia na Educação Infantil pode ampliar na criança o desenvolvimento das noções de representação e orientação de lugar, paisagem, lateralidade, espaço e tempo, com estratégias de ensino que possam vir a ajudá-la no seu desenvolvimento cognitivo, cultural e social ao longo da vida.

Sabendo disso, também passei a refletir sobre a grande importância no trabalho com os conteúdos na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, que defende que a transformação do pensamento ocorre em função da aprendizagem de conteúdos e conceitos escolares que auxiliam na compreensão crítica da realidade. Por isso, essa pedagogia é responsável por dar significado e sentido crítico à realidade e explicita que o papel das educadoras e educadores é fazer relação entre o conteúdo escolar, e o cotidiano infantil, vinculado ao meio em que vive a fim ampliar o conjunto de experiências necessárias à formação dos conceitos cotidianos que são o substrato para o trabalho com os conceitos científicos.

É importante ressaltar que a educação infantil é o período de escolarização que deve contribuir com o desenvolvimento inicial do ser humano. Nessa proposta, há que possibilitar aos educadores novas formas de pensar o desenvolvimento

humano. Neste sentido, a pedagogia histórico-crítica defende que o ponto de partida é a materialidade de vida da criança, seu meio, suas vivências que devem ser o ponto de partida para a ampliação dos conhecimentos, ou seja, suas sucessivas abstrações.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Anos atrás foi reivindicada por movimentos sociais de trabalhadores e de operárias que precisavam trabalhar e não tinham um local adequado para deixar suas crianças. Com a ampliação da inserção da mulher no mercado de trabalho, aumentou a demanda de um local adequado para as crianças poderem ser cuidadas durante a jornada de trabalho da mulher e/ou responsável. Nas sociedades patriarcais e machistas, à mulher sempre foi imputado os cuidados pela criança.

Com o surgimento das primeiras escolas de educação infantil são intensificados os debates sobre os objetivos pedagógicos do ensino infantil nas creches, pois anteriormente estas eram apenas um depósito onde as crianças ficavam, os cuidados não eram de qualidade e muitas crianças adoeciam. Após reivindicações, estudos, pesquisas, implementação de políticas públicas e debates, a educação infantil foi se conformando ao que ela é hoje. Desde então, leis foram criadas que trazem à tona a centralidade do educar e do cuidar, entendidos como processos indissociáveis.

A partir dessa questão, comecei a perceber que pouco se falava em geografia na educação infantil, apenas apresentam conceitos homogêneos, distantes das proposições da pedagogia histórico-crítica. Muitos trabalham os conceitos engessados de natureza, meio ambiente, casa, lugar, entre outros aspectos que estão presentes na geografia.

Minha finalidade em pesquisa era instigar e incentivar a criança a refletir sobre os vários aspectos do local que ela vive, trabalhando os conceitos, desde muito pequena, a fim de refletir sobre os cuidados com a natureza entendendo-a como algo indissociável do ser humano, refletir a importância do local onde vive e os motivos pelos quais este é organizado de determinada forma, refletir sobre a escola, sobre suas emoções com os seus lugares, sobre a essência do território, por exemplo, no trajeto de sua casa até a escola, refletir sobre a emoção que sente na escola, em casa, no caminho, refletir sobre os alagamentos que acometem as cidades litorâneas e a importância do cuidado da natureza para evitar esses

problemas. Se desde pequenas as crianças estarem atentas aos vários aspectos do meio em que vivem e construir um olhar e práticas acolhedoras, críticas e principalmente preocupadas com essas questões, crescerão adultos responsáveis por um mundo onde caibam muitos mundos.

Já eu, decidi pesquisar sobre o ensino da geografia na educação infantil com a finalidade de contribuir com o processo de desenvolvimento das crianças desde a primeira etapa da educação básica, problematizando o trabalho com o conhecimento para além dos princípios estéticos e mecânicos da pedagogia. O foco serão os conhecimentos que auxiliem a criança a refletir sobre a natureza, a sociedade e as pessoas, tendo como referência a pedagogia histórico-crítica.

A referida matriz teórica, em sua proposição é atravessada por uma perspectiva dialética, histórica e social do meio em que a criança vive. Decidi pesquisar a importância da cultura caiçara do litoral paranaense no ensino da geografia na perspectiva da pedagogia histórico-crítica nos centros municipais de educação infantil.

Com auxílio da educadora Ângela Massumi Katuta, comecei a pesquisar, ler e identificar quais são as proposições necessárias para adensar essa pesquisa, confesso que demorei alguns anos na graduação para encontrar o que eu queria pesquisar de fato, que tivesse relevância social que contribuísse com a justiça social, na formação de uma sociedade menos desigual que valorize todos os tipos de vidas, que foi o que aprendi na graduação.

Devido ao pouco tempo e às outras demandas da minha vida como o trabalho em sala de aula, a participação em projetos, entre outras questões, essa pesquisa ficou estancada e com poucos avanços escritos, porém, as leituras estão em dia para continuar em busca da compreensão e da importância da geografia na etapa da educação infantil.

A proposta futuramente é identificar de que maneira posso construir por meio dessa pesquisa, para que ela possua um adensamento teórico, social e prático, para que os educadores da educação infantil possam ler e identificar a importância de trabalhar determinados conteúdos na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, para que as crianças possam identificar nos conteúdos trabalhados elementos vinculados às suas vidas, para que elas realmente tenham empatia pela Mãe Terra, para que elas compreendam a importância da natureza, do espaço, da sua casa, da

sua rua, da sua cidade, do mundo e para que se vejam como produtoras e reprodutoras dos espaços.

Que essa pesquisa futuramente possa contribuir de fato com todos os educadores, que ela possa alcançar os meus objetivos e também meus anseios por uma geografia infantil que transforme e ressignifique a prática do(da) educador(a). Esse é, por fim, meu maior desejo com as pesquisas futuras: Geografia na Educação Infantil.

12. DÉCIMA SEGUNDA CARTA: UM FUTURO PRÓXIMO, DISTANTE, OU LOGO ALI?

Que o futuro nos orgulhe do que somos, mas que o presente sempre nos deixe empáticos pelo que nos tornamos dentro de todas as nossas dificuldades. – Peterson Ricardo Gomes Nunes

A escrita é condicionada por sentimentos diversos que passam por dentro de nós com significados importantes para nossa vivência. Nessa forma de pensar é impossível fugir do futuro. Em uma de minhas saídas de campo, tive a oportunidade de conhecer o Quilombo João Surá, no Vale da Ribeira, como já mencionei, porém, queria trazer um aspecto importante que estava escrito em seu PPP (Projeto Político Pedagógico).

De fato, esse PPP me chamou muito a atenção, não apenas pela escrita linda e importante que nele havia, mas pela necessidade de se ler com muita atenção: há algo sobre o futuro nesse PPP, levo comigo para sempre em meu coração.

Mencionaram um adinkra conhecido como Sankofa que é uma ave que vai em direção ao futuro mas olhando para trás, voltado às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar, ou seja, olhar para o passado, para agir no presente e construir um futuro.

Essa filosofia me marcou profundamente, pois pensar o passado, nossas raízes, de onde viemos é necessário para então construir um grande futuro. Penso todos os dias no que será de mim após a graduação, o que irei fazer. Entendo que a vida é um ciclo, preciso resguardar minha ansiedade e vivenciar o hoje, condição para a construção de um futuro ou até pensar no que fazer e, para isso, é preciso sempre olhar para o passado.

A geografia construiu e solidificou dentro de mim um anseio pela justiça sócio territorial. Penso que em meu futuro quero continuar contribuindo e lutando por uma sociedade mais justa, mas que também consiga alcançar meus objetivos como sonhador e militante.

Pouco me importa aqueles que pensam apenas em sucesso, dinheiro, benefícios próprios sobre si, para mim, necessito apenas de ter uma vida com pessoas especiais e momentos incríveis.

Assim como Sankofa, é uma realização do eu, individual e coletivo. Hoje, tenho alguns anseios e busco trabalhá-los dentro de mim, para não me prejudicar e apenas vigiar a ganância e a prepotência. Mas entendo que é necessária a busca pela identidade própria, pelo amor, pelo que luto e acordo todos os dias com ideias que me ajudem a buscar objetivos para a vida.

Em uma outra saída de campo, visitei a Escola Indígena Mbya Arandu que fica na Aldeia Araçaí, em Piraquara/PR. Me impressionei com a maneira como lidam com a vida também, como algo que existe, singelo, que não se cobra, que se vive, que se ama, que se faz coletivo, algo que coexiste com amor.

Me impressiona hoje compreender como a sociedade capitalista se distancia dos seus povos originários, como hoje o material vem antes da Mãe Terra, do humano, do olhar, do que realmente importa.

Quando estou em sala de aula, tento trabalhar com os valores dos povos originários com meus educandos, e é difícil, pois vivem em ambientes capitalistas, com pobreza, misoginia, racismo. Trabalhar os conceitos e práticas sócio territoriais dos povos originários se torna um pouco trabalhoso, aliás, cauteloso, pois tudo que se trabalha hoje em sala de aula e foge do formato tradicional é julgado por todos e todas.

Pensar num futuro para mim é algo que não cheguei ainda a refletir totalmente. Às vezes me pego pensando sobre, pois é algo indissociável do ser humano, a idade chega como dizem os mais antigos.

Porém, é algo que também precisa ser levado com serenidade, principalmente em se tratando de um processo inevitável, o futuro chegará sempre, cabe a mim saber como lidar com ele.

É algo místico, refletir sobre quantas pessoas passaram pelos mesmos locais que passo e já se foram, quantas histórias estavam por ali, quantas lutas e vidas estavam, estão e ainda estarão.

Penso hoje diariamente sobre construir algo sólido, sobre buscar algo que estimule a militância e a luta por uma sociedade justa, mas que também consiga atingir o coração daqueles com ganância e egoísmo dentro de si.

A geografia me ensinou a buscar compreender o todo, para então definir uma finalidade, em todas as aulas aprendi que a coletividade é a solução para muitos dos conflitos, precisamos auxiliar a formar e participar da coletividade,

precisamos entender como algo necessário, dialógico, democrático, e que há uma necessidade de nos importarmos com os outros.

Nessa proposta, quero meu futuro seja próspero, mas que também me leve a conhecer novos locais como esses que conheci na geografia, que realmente me levaram a pensar sobre mim, locais que gostaria que meus pais, avós, irmãos, parentes, colegas e amigos tivessem ido, vivenciado e sentido os mesmos sentimentos que o meu, pois foram locais inesquecíveis.

Cá estou, trazendo à tona novamente questões do futuro, esse que está sempre em um impasse intelectual comigo mesmo, esse que me causa medo, angustia, mas que também me faz ter vontade de viver, de sonhar, de lutar.

Que todos nós possamos construir um futuro buscando nossas raízes, que a nossa vida seja repleta de coletividades, amores genuínos, carinhos por todos, assim como a geografia buscou me ensinar, hoje, ensinarei para todos os meus educandos e educandas nas escolas.

13. ÚLTIMA CARTA: A GEOGRAFIA COMO TRANSFORMAÇÃO

Se caso chegou até essa carta, agradeço imensamente pela leitura desse memorial, que ele possa lhe fazer pensar, refletir e até mesmo compreender os anseios do educador em seu processo de graduação.

Hoje, me entendo como educador de geografia, mas me compreender como tal só aconteceu por meio da reflexão nos últimos minutos da graduação, para ser mais exato, o último semestre.

É complexo refletir sobre como a geografia me transformou, como ser humano, estudante reflexivo e então pesquisador/educador.

Agradeço imensamente a todos, todas e todes que passaram por minha caminhada acadêmica que ainda não acabou, irei procurar ter muito mais conhecimento, quero ainda lutar por um espaço onde eu possa cada vez mais construir ciência com transformação social, que eu possa representar milhares de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ que são expulsas de suas casas, trabalhos e locais de convivência por serem o que são.

É de ser grato ao curso pelo que me tornei. Grato aos educadores, colegas, amigos mas também a mim, às saídas de campo, aos momentos que me deixaram aflito, insatisfeito. Esses momentos me ensinaram a me posicionar, a ter uma ação e uma atitude perante determinada situação.

A geografia me transformou, os pensamentos individualistas, os julgamentos desnecessários, meu auto preconceito, meu machismo, minha auto homofobia, me transformou em uma pessoa que é feliz consigo.

Hoje busco me tornar uma versão melhor a cada dia, busco compartilhar o meu conhecimento com outras pessoas e também aprender com elas.

Há uma necessidade de agradecer sempre aqueles que nos transformam, sou grato ao curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Paraná, e principalmente grato a todas as oportunidades que ele me concedeu que sozinho jamais pensei em alcançar.

A cada leitura, fui compreendendo a necessidade de me reinventar como educador, como pessoa, ser humano, como alguém que necessita aprender e ensinar diariamente todos os textos apresentados trazendo uma reflexão sobre a realidade sempre com a geografia entrelaçada como protagonista ou não, mas sempre geografia.

A geografia transforma mundos, visões, a maneira como as pessoas se vêem o mundo, ou seja, auxilia que tenham consciência que produzem espaço.

14. CONCLUSÃO

A partir do que foi registrado nesse memorial, queria desejar um grande impulso de vida a todos e todas, leitores que leram o material na íntegra ou que apenas lançaram olhares necessários aos aspectos vívidos contidos nesse material. O objetivo de ter sistematizado esse memorial sob o formato de cartas foi justamente manter uma relação mais próxima com o leitor, principalmente em se tratando desse gênero literário. Não se trata apenas um trabalho de conclusão de curso, mas algo que vai além, íntimo, pessoal e que me ajudou a apreciar, observar minha linda caminhada. Hoje me despeço do curso, mas com um até logo. Pretendo ainda estar presente e vivendo com todos e todas presentes. Que eu saiba crescer diariamente com todo o conhecimento que tive a oportunidade de ampliar durante essa caminhada na geografia, que todo esse conhecimento possa se transformar em um movimento constante de luta por justiça social e transformação para outras pessoas que ainda não tiveram a mesma oportunidade. Meu amor pela geografia será eterno e serei grato por todos os momentos que vivi, e que os momentos difíceis possam me servir como aprendizado... Sempre! Essa caminhada não acabará por aqui. Que esse memorial possa me servir de estímulo em todas as vezes que fraquejar. Voltar a lê-lo será como lembrar todas as lutas, reflexões e conhecimentos construídos na universidade. Já você que leu esse material, que consiga mentalizar muita energia positiva para si e para o mundo, que possamos juntos contribuir coletivamente para um mundo mais justo. Que Toda a militância esteja sempre presente, e como digo a todos e todas, a luta não para... ela é constante!

15. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. A importância de ler. In: _____. A importância de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. ?-?.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

WALLON, H. Afetividade e aprendizagem – Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016. 264 p.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. 2. ed. rev. e ampla. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 439 p.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)

SILVA, Daiane Magalhães; FREIRE, Leonardo José. As contribuições da Geografia na Educação Infantil: Processo de ensino e aprendizagem utilizando o espaço geográfico. 2014.